

Heroísmo e vingança: a Amazônia revolucionária de Inglês de Sousa*

Denise Simões Rodrigues**

Resumo

Faço uso da obra do romancista paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) para compreender como no decorrer do século XIX o impacto de uma revolução de cunho marcadamente popular – a Cabanagem –, ocorrida na província do Pará no Norte do Brasil, foi capaz de marcar indelevelmente o imaginário construído sobre as classes subalternas da população, realçando aspectos negativos desse tipo identitário que denomino de “caboco” e que ainda se pode constatar na atualidade. Minha interpretação estabelece seu ponto de partida nas ideias propostas por Antônio Candido, como parâmetro das relações entre a Sociologia e a Literatura, e faz uso de Cornelius Castoriadis, Eugène Enriquez e René Girard com o propósito de elucidar a gênese da produção da imaginação social e suas representações na estruturação dos vínculos sociais e a questão da violência.

Palavras-chave

Imaginação social; heroísmo; vingança

Abstract

I use the work of Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) to understand how, in the course of the 19th century, the impact of a revolution of distinctly popular nature – the Cabanagem –, that took place in the province of Pará, North of Brazil, was able to indelibly mark the constructed imaginary regarding the subaltern classes of the population, which throughout the coming decades would contribute to consolidating various forms of exclusion, highlighting negative aspects of this identity type that I name “caboco”. My interpretation establishes its starting point in the ideas proposed by Antonio Candido as a parameter of the relationships between Sociology and Literature, and uses Cornelius Castoriadis, Eugène Enriquez and René Girard with the purpose of elucidating the genesis of the production of social imagination and its representations in the structuring of social bonds and the matter of violence.

Keywords

Social imagination; heroism; vengeance

1. Introdução

Cada um de nós é um poço *sem-fundo*, e esse *sem-fundo* está, tudo leva a crer aberto sobre o *sem-fundo* do mundo. Nos períodos normais, nós nos agarramos à beira do poço, na qual passamos a maior parte de nossa vida. (CASTORIADIS, 1987, p. 258)

Busquei amparo na literatura do século XIX para tentar compreender mais especificamente a extremada violência e o pesado silêncio que se impôs sobre a causa cabana após o fim do conflito. É sabido que os documentos oficiais não costumam conter informações subjetivas, e a natureza codificada de seus conteúdos não ofereceu sutilezas suficientes para uma aproximação adequada ao objetivo proposto acima. Por sua vez, os cabanos não deixaram relatos pessoais, tratava-se de “gente inculta e rude” como a eles se referia a elite da época. Assim, direcionei meu olhar sobre a produção literária em que o movimento revolucionário servisse como parte importante da narrativa, em busca da subjetividade imanente aos processos sociais que perdura para além do acontecimento histórico objeto do interesse de minha pesquisa.¹

É com esse intuito que faço uso da obra do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918)² e dela selecionei para este trabalho apenas dois contos diretamente relacionados com o movimento revolucionário denominado Cabanagem (1835-1840). “O Rebelde” e “A Quadrilha de Jacó Patacho” foram publicados em 1893 e descrevem duas situações em que os acontecimentos sangrentos da Cabanagem atingem uma vila (O Rebelde) e uma família (A Quadrilha de Jacó Patacho).

¹ Peter Gay afirma que “para compreender o que a ficção tem para oferecer ao pesquisador, ele deve aprender o que a fez acontecer”. É por isso que, ao utilizar os romances como um tesouro possível de conhecimentos, os ensaios produzidos farão a “inserção das ficções na política de seu tempo, bem como ao autor que lhes deu existência”. GAY, Peter. *Represálias Selvagens*. Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

² Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em Óbidos/PA em 28/12/1853 e faleceu em 06/09/1918, na cidade do Rio de Janeiro para onde havia transferido residência desde 1892. Filho de família tradicional do Pará, estudou no Rio de Janeiro/RJ, em Recife/PE e em São Paulo, graduando-se em Direito no ano de 1876. Sua trajetória literária começou com o romance *O Cacauleta*, escrito aos 22 anos, publicado em 1876, sob o pseudônimo de Luis Dolzani. Inglês de Sousa tornou-se um pioneiro no gênero de romances naturalistas no Brasil com a publicação de outras obras: *História de um Pescador* (1876); *O Coronel Sangrado* (1877); *O Missionário* (1888). Escreveu contos que foram reunidos em uma coletânea intitulada *Contos Amazônicos* publicada em 1893 onde se encontram os seguintes títulos: “Voluntário”; “A Feiticeira”; “Amor de Maria”; “Acauã”; “O Donativo Capitão Silvestre”; “O Gado do Valha-me Deus”; “O Baile do Judeu”; “A Quadrilha de Jacó Patacho”; “O Rebelde”. Sua vocação para as letras fez com que participasse ativamente do jornalismo, escrevendo e criando jornais e revistas identificados com o Liberalismo político, além de obras dedicadas à ciência jurídica. Filiado ao Partido Liberal à época, foi deputado provincial e designado presidente das províncias de Sergipe (1881) e do Espírito Santo (1882). Mas sua trajetória política foi breve, pois abandonou a política partidária em 1883 por motivos de saúde.

O ponto de partida de minha análise são as ideias propostas por Antônio Candido como parâmetro das relações entre a Sociologia e a Literatura. Em especial, destaco como fundamentais para os objetivos deste trabalho aquelas em que Candido salienta a importância da sociedade, a proposta política da obra e o relacionamento entre a condição social do autor e a sociedade à qual pertence.

Meus objetivos se constituem como questões cuja complexidade é por mim reconhecida e aceita como desafio: como aprofundar a análise dos agravos e humilhações não esquecidas que atormentam as mentes e constituem o combustível que alimenta a prática de atos de vingança contra aqueles que pela cor da pele ou proximidade do poder político-administrativo representam os séculos de sofrimento? Poderei iluminar os trágicos acontecimentos da Cabanagem utilizando a ficção de Inglês de Sousa, inspirada, mas não vivenciada no acontecer histórico?

A necessidade de estabelecer recortes ao produto da criação literária conduz a escolha de alguns parâmetros com o objetivo de ordenar o material sobre o qual incidirá prioritariamente o meu olhar: o sentido da vida, da existência e como essa busca se traduz em representações sócio-histórico-culturais, e são expressas na linguagem dos atores sociais³.

2. O cenário revolucionário que inspirou os contos de Inglês de Sousa

Uma liberdade outorgada é tão pouco a liberdade, quanto um sistema de pensamento aceito como dogma é um pensamento pessoal. A Revolução é o esforço de um povo para dar a si mesmo a liberdade e para ele mesmo traçar os limites dela. (CASTORIADIS, 1992a, p. 197)

É bastante conhecida a lógica opressiva dos sistemas coloniais que pretenderam o domínio absoluto sobre os nativos na América do Sul. A empresa colonial portuguesa na Amazônia pode ser considerada um exemplo completo do que constituiu a dura imposição de um modelo civilizatório que pretendia a conversão dos nativos à fé crista e a produção de riquezas exportáveis para a sustentação da coroa. Duzentos anos de sofrimentos inauditos que culminaram em genocídio dos povos indígenas, opressão e privação da liberdade dos mestiços, os “cabocos” que formavam a maioria da

³ Parâmetros de análise: 1 – a análise das representações sociais; 2 – a busca do sentido da existência; 3 – a linguagem; 4 – o contexto sócio-histórico-cultural; 5 – o poder, a política e os atores sociais.

população, cobrariam seu preço em uma explosão de violência representada pelos longos anos da luta revolucionária cabana⁴.

Apresentar um breve resumo sobre um longo movimento revolucionário não é uma tarefa fácil, especialmente em se tratando do conturbado período regencial no Brasil do século XIX, e ainda mais quando se trata de um movimento em que os despossuídos governaram efetivamente em duas oportunidades, foram duramente reprimidos e silenciados por tanto tempo. Tal resumo poderia receber como título *notícias sobre uma revolução condenada ao esquecimento* se prevalecesse o desejo das elites dirigentes que lhes foram contemporâneas. A quebra de paradigmas dominantes em pesquisas na área das ciências humanas e sociais até a primeira metade do século XX possibilitou novos olhares sobre as chamadas revoltas do período regencial, permitindo uma real avaliação do impacto e consequências que provocaram.

A Cabanagem, movimento revolucionário amazônico que ocorreu na Amazônia na primeira metade do século XIX, nesse período possuía uma vinculação nítida, intensa e abrangente com as classes subalternas oprimidas da sociedade desde o período colonial. A historiografia oficial registra os anos de 1835-1840 como sendo o período de sua efetiva ocorrência. Particularmente prefiro trabalhar com um período mais elástico, o que possibilita uma visão mais ampla e fiel do que foi a agitação política na Amazônia imediatamente pós-colonial. A explosão revolucionária reúne anseios seculares de liberdade misturados a promessas não cumpridas de acesso pleno à cidadania brasileira recém-instituída, e a exclusão social e política se torna fardo insuportável. Castoriadis, discorrendo sobre o problema da instituição política da sociedade, afirma:

Quando se diz que todos devem ser iguais quanto à participação no poder, ainda não se disse nem *quem* são esses todos, nem o *que* eles são. O corpo político tal como existe em cada caso, se autodefine sobre uma base que deve ser reconhecida como existindo *de fato*, e repousando, num certo sentido, na *força*. Quem decide quem são os iguais? Aqueles que, em cada caso, *se estabeleceram como sendo iguais*. Não se deve desconsiderar a importância fundamental desta questão. Nós assumimos o encargo, por exemplo, de fixar uma idade mínima para o exercício dos poderes políticos, assumimos igualmente o encargo de declarar que tais e tais indivíduos [...] estão incapacitados para exercer seus direitos políticos. Não podemos deixar de fazê-lo. Mas não podemos esquecer que somos *nós* que o fazemos. (CASTORIADIS, 1987, p. 329)

⁴ {É} o indígena, o nativo, o natural; mestiço de branco com índia; mulato acobreado, com cabelo corrido [...] Diz-se comumente do habitante dos sertões, caboclos do interior, terra de caboclos, desconfiado como caboclo [...] Devíamos escrever – caboco – como todos pronunciam no Brasil, e não caboclo convencional e meramente letrado. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: EDIOURO, 1992. O modo de falar do ribeirinho amazônida mantém essa pronúncia.

Entre as ameaças à liberdade o recrutamento militar ocupava lugar de destaque. A atuação desastrosa de agentes recrutadores nas diversas vilas ou na capital, que exorbitavam de suas funções, cometendo abusos e arbitrariedades, contribuiu para que a revolta fosse alimentada cotidianamente.

O espírito de resistência e luta dos negros é outro elemento importante para a eclosão do movimento revolucionário. Na capital ou em outros locais, os negros sempre estiveram envolvidos nas lutas pela liberdade, qualquer que fosse a origem delas, e os inúmeros mocambos negros da Amazônia atestam o espírito libertário e sua resistência à escravização. Para os senhores do poder tornava-se estratégico retirar de circulação os escravos negros, que, a serviço de seus senhores ou em seus momentos de lazer, se reuniam em locais públicos e defendiam ideias abolicionistas. Como os escravos eram muito mais numerosos do que a população branca, o temor de que ocorresse uma rebelião escrava (a exemplo do Haiti) não era descabido.

Outro fator que merece destaque é o papel desempenhado pela imprensa desde sua instalação na segunda década do século XIX. Os debates provocados pela imprensa livre sobre a questão republicana e os direitos do cidadão demarcariam as novas perspectivas que se abriam com as possibilidades políticas oferecidas pela criação da regência eletiva e temporária da menoridade. Os efeitos logo se fariam sentir com os boatos de conspiração contra o governo autoritário imposto pela regência aos paraenses.

A república era o sonho da elite ilustrada e as atividades conspiratórias saíam da capital, Belém, e alcançavam o interior, nas vilas do Acará e Vigia de Nazaré. E o líder Batista Campos, contando com a proteção de simpatizantes, por medida de segurança, trocava frequentemente de pouso, entre Barcarena, Vila do Conde e Abaetetuba. Um acaso do destino privou a revolução de seu líder: em 31 de dezembro de 1834 Batista Campos morreu vítima de ferimento casual. Às seis horas da manhã de 1º de janeiro de 1835 os sinos da catedral, em Belém, comunicam o fato à população e após dois dias, acreditando que seu líder fora morto pelo governo da província, Belém é tomada pelos revolucionários em 7 de janeiro de 1835.

As forças rebeldes conquistaram todas as posições excetuando-se o arsenal de guerra. Foi solicitada, então, a rendição do seu comandante, uma vez que a cidade já estava controlada pelos revolucionários e a resistência seria inútil. A anarquia e as desordens provocadas pelos excessos das tropas acabariam levando a novos

enfrentamentos das milícias rivais e ao assassinato de governante rebelde. Era imperioso restaurar a ordem e a disciplina, tarefa à qual os líderes rebeldes dedicaram todos os esforços, impondo limites aos seus comandados, tentando conter os atos de vandalismo.

A reação das tropas legais foi dura: em 12 de maio de 1835 Belém é bombardeada pela frota legalista, o que provocou a desordem e a destruição da cidade e propiciaria a expansão do movimento revolucionário para o interior do vale amazônico, onde muitas vilas e cidades sofreram ataques brutais. Vigia de Nazaré⁵ foi uma delas e suas autoridades e a maior parte de sua população foi morta pelos cabanos. Depois do saque, os cabanos se dirigiram para outras localidades vizinhas. Após os acontecimentos de 1835, os cabanos ainda ocuparam novamente o poder em Belém, mas não conseguiram resistir à experiência militar, aos métodos sanguinários e aos recursos materiais e financeiros do Comandante Soares D'Andrea, enviado pelo regente Feijó para reprimir a revolução cabana e “pacificar”⁶ a província.

O terror se instalava em todo o vale amazônico, com áreas dominadas por bandos revolucionários chefiados por “cabocos” exímios conhecedores dos rios e matas, que impunham sua própria concepção dos objetivos revolucionários, sempre com farta demonstração de violência, o que também era a praxe dos comandados de Soares D'Andrea.

Os últimos anos desse período correspondem à guerra civil, que dramaticamente questionará a legitimidade da nova ordem estabelecida pelos sucessivos regentes do Império. Ela expande-se em todas as direções, alcança pontos recônditos, povoados minúsculos e o caos se traduz em uma violência inaudita, onde o saque, a violação das mulheres, os atos de tortura e vandalismo e a destruição das propriedades pelo fogo após os saques dos bens materiais tornam as mortes numerosas e banalizadas. Uma longa noite tolda os comportamentos individuais, em que a posse do poder impõe a vigência do excesso que embriaga e atordoa, suprime regras de civilidade, anula compadrios e o terror se impõe como norma. Depois, o silêncio. A província, aniquilada em cerca de 30.000 habitantes, economicamente devastada e politicamente frágil se rende ao poder central.

⁵ Vigia de Nazaré é um município localizado na Mesorregião do Nordeste Paraense, e Microrregião do Salgado, banhada pelo Rio Guajará-Mirim.

⁶ A “pacificação” consistiu na imposição do trabalho forçado a todos os homens válidos, com idade entre 10 e 50 anos, mestiços de variados matizes recrutados para os “Corpos de Trabalhadores” e que seriam empregados em todos os serviços necessários na Província, especialmente alistados nos corpos de tropas. Mesmo negros alforriados sem culpa provada foram submetidos ao trabalho servil.

3. A vingança, a violência e o heroísmo

Os sentimentos que mais doem, as emoções que mais pungem, são os que são absurdos – a ânsia de coisas impossíveis, precisamente porque são impossíveis, a saudade do que nunca houve, o desejo do que poderia ter sido, a mágoa de não ser outro, a insatisfação da existência do mundo. [...] Sei que esses pensamentos da emoção doem com raiva na alma. (PESSOA, 2006, p. 205)

Retorno à minha proposta inicial: como aprofundar a análise dos agravos e humilhações não esquecidas que atormentam as mentes e constituem o combustível que alimenta a prática de atos de vingança contra aqueles que pela cor da pele ou proximidade do poder político-administrativo representam os séculos de sofrimento? Recorro a Girard para entender o que é a vingança.

A vingança constitui um processo infinito, interminável. Quando a violência surge em um ponto qualquer da comunidade, tende a se alastrar e a ganhar a totalidade do corpo social, ameaçando desencadear uma verdadeira reação em cadeia, com consequências rapidamente fatais em uma sociedade de dimensões reduzidas. A multiplicação das represálias coloca em jogo a própria existência da sociedade. Por este motivo, onde quer que se encontre, a vingança é estritamente proibida. (GIRARD, 1990, p. 27)

O controle da vingança em nossas sociedades está situado no plano institucional e está a cargo do sistema judiciário. “Ele não a suprime, mas limita-se a efetivamente a uma represália única, cujo exercício é confiado a uma autoridade soberana e especializada em seu domínio. As decisões da autoridade judiciária afirmam-se sempre como a última palavra da vingança” (GIRARD, 1990, p. 28).

A violência que explode com Cabanagem tem a ver com o vazio de poder ou o seu enfraquecimento no período regencial. Como fazer frente à necessidade de justiça tendo como suporte a multiplicidade de autoridades com fraca legitimidade e representação política precária? Por outro lado, na jovem nação emergente o arcabouço administrativo ainda era incipiente e demarcado pela desigualdade legalmente estabelecida pelo sistema escravista de produção.

Quando se posicionam como cidadãos brasileiros, os cabanos questionam a validade do estatuto para os brancos, descendentes dos opressores, e argumentam com a sua própria condição mestiça, dotada da legitimidade pretendida. O resultado é o enfraquecimento das fronteiras identitárias que confunde os lugares socialmente estabelecidos e põe em questão privilégios de classe e o próprio sistema produtivo ancorado em trabalho escravo.

Quando a violência se manifesta, há homens que se abandonam livremente a ela, até mesmo com entusiasmo, enquanto outros tentam impedir seus progressos. [...]

parece que sempre chega um momento no qual só é possível opor-se à violência com uma outra violência; nesta ocasião, pouco importa ter sucesso ou fracassar, pois é sempre ela que ganha. A violência tem extraordinários efeitos miméticos, tanto diretos e positivos quanto indiretos e negativos. [...] assemelha-se a uma chama que devora tudo o que se possa lançar contra ela para abafá-la. (GIRARD, 1990, p. 45).

A análise de Girard propõe que a violência incontrolável, em seus variados matizes, tem como consequência importante a diluição ou a supressão das diferenças, não somente no interior das famílias, mas entre elas na sociedade. O caos gerado a partir disso pode ser interpretado como uma espécie de crise sacrificial, como não há mais purificação possível, a violência impura, contagiosa, ou seja, recíproca, alastra-se pela comunidade. Para ele a crise sacrificial deve ser definida como uma crise das diferenças, ou seja, da ordem cultural em seu conjunto. De fato, esta ordem cultural não é senão um sistema organizado de diferenças; são os desvios diferenciais que dão aos indivíduos sua “identidade”, permitindo que eles se situem uns em relação aos outros. (GIRARD, 1990, p. 67)

A leitura do conto de Inglês de Sousa “A Quadrilha de Jacó Patacho” oferece elementos para iluminar a concepção de Girard sobre a entrega prazerosa ao exercício da violência pelos grupos armados que perambulam no vale amazônico, que não só a utilizam como instrumento de poder sobre o *outro*, como se comprazem com os resultados obtidos a partir da sua prática.

“Eram 7 horas dadas, a noite estava escura, e o céu ameaçava chuva”. A frase inicial do conto prepara a tensão que se instalará com a invasão dos bandidos com os elementos naturais tão comuns na Amazônia: escuridão, a mata densa e chuva. A tranquilidade será quebrada pelos invasores e quem os anuncia é o ruído surdo dos remos nas águas calmas do rio Tapajós. A ação dos cabanos, disfarçados de ribeirinhos comuns a pedir agasalho diante do mau tempo, interrompe a ordem, a calma e o sossego da família:

A “sora” Maria continuou a mostrar-se apreensiva. Muito se falava então nas façanhas de Jacó Patacho; nos assassinatos que amiúde cometia; casos estupendos se contavam de um horror indizível: incêndios de casas depois de pregadas as portas e janelas para que não escapassem à morte os moradores. Enchia as narrativas populares a personalidade do terrível Saraiva, o tenente da quadrilha cujo nome não se pronunciava sem fazer arrear as carnes dos pacíficos habitantes do Amazonas. Felix Salvaterra tinha fama de rico e era português, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sítio era muito isolado e grande a audácia dos bandidos. E a mulher tinha lágrimas na voz, lembrando esses fatos ao marido. (SOUSA, 1988, p. 79-80)⁷

⁷ A partir desta citação, os excertos do conto “A Quadrilha de Jacó Patacho” serão mencionados pelo número da página.

O estranho, abrigado na sala, provoca a desconfiança nas duas mulheres. Mais uma vez o viés naturalista se impõe, pois ao gênero feminino é permitido sentir medo, uma fraqueza condenável nos homens, assim como a sensibilidade ao dado invisível ou indizível, como os pensamentos de Anica revelam. Os homens buscam as armas, as mulheres choram e rezam, são frágeis, mas não covardes como se pode ler nas entrelinhas do conto:

A Anica, depois de rezar à Virgem das Dores, sua padroeira, não pudera fechar os olhos. [...] e por uma singularidade, que a rapariga não sabia explicar, em todos aqueles dramas de sangue e de fogo havia uma figura saliente, o chefe, o matador, o incendiário, demônio vivo que tripudiava sobre cadáveres quentes das vítimas, no meio das chamas dos incêndios, e, produto de um cérebro enfermo, agitado pela vigília, as feições desse monstro eram as do pacífico tapuio que ela ouvia roncar placidamente na sala vizinha. (p. 82)

O canto do urutaí é o lamento que anuncia a dor que em breve se abaterá sobre a família de descendentes de portugueses e para realçar o horror e o medo que domina a jovem, o cenário natural muda: a chuva passou e o luar ilumina a paisagem. Inglês de Sousa apresenta a cena:

A indignação do pudor ofendido e a repugnância indizível que se apoderou da moça ao sentir o contato dos lábios e do corpo do bandido, determinaram uma resistência que seu físico delicado parecia não poder admitir. Uma luta incrível se travou entre aquela branca e rosada criatura semi-nua e o tapuio que a enlaçava com os braços cor de cobre, dobrando-lhe o talhe flexível sob ameaça de novo contato com sua boca desdentada e negra, e procurando atirá-la ao chão. Mas a rapariga segurara-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuio, que julgara fácil a vitória, e tinha as mãos ocupadas em apertar-lhe a cintura em um círculo de ferro, sentiu faltar-lhe o ar, oprimido pelos desejos brutais que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da vítima. (p. 85)

O desfecho da ação é de certo modo abrupto e previsível. O bandido é morto pelos irmãos de Anica, que por sua vez são trucidados pelo resto do bando que invadiu a propriedade e as mulheres se transformam em presentes oferecidos ao chefe maior – Jacó Patacho – e amargarão o destino trágico reservado às mulheres transformadas em butim de guerra.

No conto “O rebelde”, o autor aproveita para falar sobre a Cabanagem sob outro ângulo, assumindo o olhar de um garoto que narra os acontecimentos. O personagem central é o mulato pernambucano, o velho do outro mundo, ex-revolucionário de 1817, refugiado em Vila Bela (AM), que sofre a rejeição da comunidade predominantemente branca, que o isola e trata com desconfiança. Sob a ameaça de ataque cabano, o mulato recebe do padre, a quem considerava amigo, o pedido de organizar a resistência aos

cabanos. Esse é o recurso do autor para emitir seus juízos sobre os dois movimentos revolucionários – o pernambucano de 1817 e o cabano. Pelo discurso do personagem a revolução de 1817 aparece como um movimento nobre e que foi derrotado porque foi traído pelos brasileiros que se aliaram às forças legalistas:

Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e cruel de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler, que não tem pão. E cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. [...] Nós os rebeldes de 1817, tínhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defenderíamos, causa da humanidade, causa do futuro! [...] Os homens de 1817, que proclamavam a igualdade das raças e queriam a liberdade do negro e a reabilitação do caboclo, foram batidos pelos pardos do penedo e pelos índios da Atalaia, vítimas da pretensa desigualdade! (SOUSA, 1988, p. 97)⁸

Quando o autor se debruça sobre as motivações que teriam provocado a explosão revolucionária cabana, a contradição e o preconceito vigente na sociedade da época afloram na tessitura da escrita, como se pode observar no conto “O Rebelde”. Diante de um ataque cabano iminente, o personagem que narra reflete sobre o tema, autoanalisando seus sentimentos (que o envergonhavam), onde transparece o respeito e a amizade pelo velho do outro mundo, o mulato Paulo da Rocha, o herói imaginado⁹.

Não podia compreender a sinceridade com que aquele mulato falava em igualdade de raças, em tirania e crueldade dos brancos, coisas que naquele tempo me pareciam de um absurdo inconcebível. Apesar da simpatia que pelo velho, as suas ideias, os seus sentimentos, contrariavam por tal forma os preconceitos da minha educação, que eu me sentia indignado pela amizade que, apesar de tudo, lhe dedicava. **Envergonhava-me a admiração respeitosa que lhe votava.**

[...] Como se poderia admitir que falasse um homem de cor aquela linguagem ousada e independente? Os sofrimentos que aturara não justificariam o desrespeito às classes ricas e às instituições do país, pois não passavam de um castigo severo, mas merecido, da sua rebelião. (p. 110. Grifos meus)

Ressalta ao leitor que os argumentos do discurso do velho mulato revolucionário – “nós os rebeldes de 1817, tínhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defenderíamos, causa da humanidade, causa do futuro! [...] Os homens de 1817, que proclamavam a igualdade das raças e queriam a liberdade do negro e a reabilitação do caboclo”, exprimem muito mais a opinião aceita pela elite culta do final do XIX sobre as causas da Cabanagem.

⁸ A partir desta citação os excertos do conto “O Rebelde” serão mencionados pelo número da página.

⁹ O termo *herói* está sendo usado na acepção dicionarizada, como aquele que “se distingue por coragem extraordinária na guerra ou diante de outro qualquer perigo; ou o homem que suporta exemplarmente um destino incomum, como *p. ex.* um extremo infortúnio ou sofrimento, ou que arrisca sua vida abnegadamente pelo seu dever ou pelo próximo”. (MICHAELIS, 1998-2009). É aquele se caracteriza pela valentia, pela coragem física e moral. (MOISÉS, 2004, 219)

Naquele momento supunha-se que as vantagens comparativas favoráveis ao movimento pernambucano de 1817, em confronto com a fragilidade ideológica do movimento cabano, residiam no fato de a Cabanagem ter sido apenas um “grande e terrificante grito que expressava a opressão de seres inferiores e pacíficos, mas que haviam sido conduzidos ao desespero, pela incúria das elites governantes”.

Enquanto manifestação brutal, selvagem, seu fracasso era mais ou menos previsível. Imperdoável foi o fato dos próprios cabanos não perceberem a insensatez de sua rebeldia, e embriagados de ambição de poder extrapolaram os limites do tolerável com seus atos de violência contra inocentes. Não passam, portanto, de rudes facínoras, apenas bandidos vítimas de uma dupla alucinação religiosa e patriótica.

O certo é que o branco e o caboclo se haviam jurado um ódio eterno. Naqueles tempos de fortes paixões, em que todos os sentimentos tinham uma possança e uma pureza extremas, ódios arraigados e entranháveis eram comuns. Matias Paxiúba, *o brasileiro*, e Guilherme da Silveira, *o marinheiro*, tinham-se sempre encontrado inimigos – desde a primeira vez que se viram, parecia que todo o ódio das duas raças, a conquistadora e a indígena, se tinha personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram o grito de guerra da cada um dos partidos adversos. (p. 99)

Ao dar continuidade ao discurso, tentando estabelecer uma comparação definitiva entre seu pai, português, vítima dos cabanos comandados por Matias Paxiúba, que anteriormente fora castigado com chibatadas¹⁰ por seu pai, o jovem personagem diz:

Meu pai representava a civilização, a ordem, a luz, a abastança. Matias Paxiúba [o cabano] era a ignorância, a superstição, o fanatismo, a rebelião do pobre contra o rico, o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre insubmissa. Era como um protesto ambulante contra a civilização egoística e interesseira dos brancos, a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heroicos. (p. 100)

Assumindo mais uma vez a voz do mulato pernambucano, o autor disserta sobre as causas da Cabanagem: a miséria originária das populações inferiores, a escravidão dos índios, a crueldade dos brancos, os inqualificáveis abusos com que esmagam o pobre tapuio e a longa paciência destes.

Cabe agora refletir um pouco sobre a natureza do vínculo social, como as relações sociais que constituem o cerne do viver cotidiano se estruturam e possibilitam a

¹⁰ Essa era considerada pelo povo humilde uma punição degradante, uma vez que, aplicada a homens livres remetia diretamente ao castigo do escravo, aquele que era destituído de todos os direitos, inclusive de sua condição humana. A maioria das vezes produto do arbítrio do indivíduo investido na condição de Juiz de Paz, consistia em amarrar o preso às grades da cela da cadeia da vila e aplicar-lhe um determinado número de chibatadas, e depois deixá-lo preso por algum tempo, o que representava a humilhação complementar.

instituição e re-instituição da vida social. Castoriadis aponta para a duplicidade inerente à natureza humana e a importância da história:

O homem é primeiramente psique [...] profunda e inconsciente. E o homem é sociedade [...] E a sociedade é sempre também história. Não há nunca, nem mesmo nas sociedades primitivas, um presente fixo. Mesmo na sociedade mais arcaica, o presente é sempre constituído por um passado que o habita e por um futuro que o antecipa. Trata-se sempre de um presente histórico. (CASTORIADIS, 1992b, p. 90)

As representações sociais, elementos constitutivos do processo de elaboração identitária, tem sua origem no amplo processo de socialização que é condição essencial da percepção de si mesmo e do outro, como sujeitos do processo histórico, em última análise o reconhecimento da alteridade. Mas, se “o vínculo social é antes de tudo o estabelecimento de uma relação pacífica entre os seres” (ENRIQUEZ, 1996, p. 67), ainda assim a violência se faz presente, exige se manifestar e deve ser controlada a partir das instituições oriundas de um amplo processo de classificação:

Em outras palavras, todo sistema de classificação inscreve no corpo social as normas que devem reger a vida em grupo, normas sempre legitimadas por uma *lei* (palavra fundadora que define a ordem do mundo, pronunciada um dia pelos deuses ou pelos grandes ancestrais, e que dá *sentido* ao grupo e à sua ação). Na infinita variedade do mundo, suas nuances insuportáveis, na mistura obscura que ele exprime, a classificação escolhe as diferenças, *estabiliza-as* num corpo teórico imutável e dá a cada um seu lugar, seu papel, sua possibilidade de ser. (ENRIQUEZ, 1996, p. 169)

Quando os cabanos invadem Vila Bela e a morte de Guilherme da Silveira, branco, português, ex-Juiz de Paz, inimigo do chefe do bando, era iminente e ele precisa assegurar a vida do filho, o autor situa as diferenças e faz o personagem buscar apoio no reconhecimento do velho do outro mundo como alguém digno. Reconhecendo seu erro ao desprezá-lo, suplica pela sua ajuda:

– Mestre Paulo, fui injusto, perdoe-me, perdoe um homem que vai morrer. [...] Pelos mártires de Pernambuco!
– Sr. Guilherme da Silveira – respondeu solenemente o mulato estendendo o braço sobre minha cabeça – a vida de seu filho está segura, juro-o pela vida de minha filha! (p. 105)

O resultado do ataque cabano à Vila Bela e em especial à casa do Juiz de Paz está contido nesta cena:

No centro da vila uma grande chama escarlate erguia-se do telhado de uma casa, e o fumo subia em espirais para o céu. Todo o povoado estava iluminado por aquele enorme clarão. Sombras estranhas moviam-se no meio do fogo. Outras dançavam em rodada casa, à claridade do incêndio. Ouvia-se o crepitar do fogo e, de vez em quando, o ruído que fazia uma trave desabando. Em torno corria serena e silenciosa a madrugada. Nos sítios vizinhos cantavam saudosamente os solitários galos. Nós estávamos de pé ao fundo da canoa, boiando em um mar de fogo reverberado pelo clarão do incêndio na superfície plácida do rio. [...] Matias Paxiúba, o brasileiro cumpria parte de sua promessa, incendiando a casa do *Juiz de Paz* e lhe queimando o corpo, crivado de facadas, no enorme brasido. Restava a exterminação da família

do seu velho inimigo, e ia ser eu de ora avante o objeto principal do seu ódio e de sua perseguição implacável. (p. 106)

Se o reconhecimento tardio do velho do outro mundo como um parceiro confiável recoloca em outro patamar a diferença social anterior entre ele e o branco português e representa o reconhecimento positivo de sua alteridade, não menos importante é o reconhecimento do opositor Matias Paxiúba como ator social no processo. Ele será o elemento questionador do sistema estabilizado das normas, dos direitos e da lei. No confronto final entre o herói rebelde de 1817, a negatividade de seu antagonista estabelece o desafio a ser enfrentado por todos os envolvidos. Quem define as normas, os lugares, os papéis e a lei?

Ao analisar o papel da classificação na origem do vínculo social, Eugène Enriquez destaca sua importância para o desenvolvimento das instituições sociais, mas aponta para a passagem inelutável desse sistema para o de separação que terá como coroação a instituição de um sistema de dominação, onde será possível delimitar dois tipos de violência, faces do mesmo processo: a sacrificial que dá partida à diferenciação e a “dominadora, fundadora da sociedade dividida”.

O sentido profundo do sistema de classificação não é apenas e principalmente a *diferenciação*, mas, acima de tudo, a definição de posições assimétricas que respondem às questões: quem tem o direito à palavra, quem tem o poder, quem pode definir a *lei*? O outro só é reconhecido para poder ser subjugado e para servir, pois o outro é visto essencialmente como agente de desordem, ou de contraordem. A primeira ordenação (de um ponto de vista lógico) efetuada pela classificação foi apenas a preparação para a segunda, que não pode se fazer sem violência. Dois tipos de violência são possíveis: a sacrificial e a violência dominadora. (ENRIQUEZ, 1996, p. 175)

A fuga sob o comando do velho do outro mundo é realizada em dois momentos. A primeira parada é em um sítio modesto de uma viúva amiga de mestre Paulo, e abre a possibilidade de novas considerações sobre os cabanos, a situação difícil dos fugitivos e a desconfiança manifesta da mãe do menino sobre o caráter e as verdadeiras intenções do velho revolucionário pernambucano.

Quando falava da cabanagem, Paulo da Rocha nos enchia de espanto com a expressão de simpatia por uma causa que nos parecia insustentável. Ao mesmo tempo a sua conduta, toda em oposição às suas palavras, fazia-nos cismar, vaga e absurdamente receosos. Franqueza, franqueza, não confiávamos muito no *velho do outro mundo*, apesar do que tinha feito por nós. Não posso explicar uma tal desconfiança, mas minha mãe, principalmente, não se soubera despir dos antigos preconceitos nem podia olhar com segurança para o mulato. (p. 108)

Em meio à violência e à desordem provocada por ela, era impossível superar preconceitos anteriores. A delimitação de status e papéis sociais instituídos há tanto

tempo continuava a demarcar o espaço social mesmo que o herói demonstre suas nobres intenções, persiste a desconfiança, que se por um lado é compreensível para os fugitivos, não os livra de internamente se questionar sobre a sua própria condição moral diante da injustiça que cometem.

Na fluidez dos posicionamentos assumidos ora reconhecendo a grandeza do mulato ora questionando suas verdadeiras motivações, a narrativa serve ao autor para consolidar as virtudes de Paulo da Rocha: honradez, generosidade, coragem, altivez e compromisso com seus ideais libertários defendidos sem medo, como será possível constatar com o desfecho do conto, após decorrer o segundo estágio da fuga para uma cabana abandonada no meio do mato.

Preso ao juramento feito a Guilherme da Silveira, de defender o menino a qualquer preço, o velho do outro mundo será desafiado por Matias Paxiúba a entregá-lo ou a sua única filha, prisioneira do cabano, sofrerá as consequências, e seu destino, o mesmo das mulheres brancas em igual situação. No confronto, emerge a atitude heroica:

Paulo da Rocha foi inabalável diante da exigência do chefe. Ergueu a cabeça altiva, e fitando os olhos de águia no rosto horrendo do cabano, disse em voz sonora e clara:

– Paxiúba, um pernambucano põe acima de tudo as leis da honra. Eu jurei pela vida de minha filha salvar o filho do Juiz de Paz.

– Tu és um traidor! Bradou em voz de trovão o cabano, pondo-se de pé e ameaçando o mulato com os punhos. És um traidor, negro vil, estás vendido aos marinheiros e aos maçons! (p.120)

A conclusão da fuga permitiu a sobrevivência dos fugitivos brancos à vila mais próxima depois de dias de viagem pelos furos e igarapés, sempre correndo o risco de serem surpreendidos pelos membros do bando de Paxiúba. O velho do outro mundo não conseguiu salvar sua filha do destino trágico que lhe estava reservado, mesmo com sua volta ao acampamento do bando, ele também se torna refém e nada pode fazer diante da situação imposta por Matias Paxiúba.

A Cabanagem chega ao fim com a rendição dos últimos focos de resistência no Amazonas, em 1840. Mas a violência da repressão legal era devastadora, quando fazia prisioneiros os destinava ao trabalho compulsório, e em várias oportunidades também incendiou os casebres matando mulheres, velhos e crianças, como situa o autor quanto ao ataque final das forças legais ao bando de Matias Paxiúba. Prevaleceu a decisão de não fazer prisioneiros. Todos foram mortos à exceção de Paulo da Rocha, capturado e transformado em troféu do comandante, condenado ao esquecimento em uma prisão em Óbidos/PA, onde o narrador, agora um advogado militante, o encontra e o liberta

restaurando a verdade dos fatos: mestre Paulo não era um cabano sedento de sangue, mas um herói da liberdade.

4. Considerações finais

O herói construído por Inglês de Sousa apresenta aspectos muito interessantes em sua estrutura simbólica. Quem é o velho do outro mundo? A denominação carrega um simbolismo intenso quando examinada com mais atenção. Esse outro mundo ao qual o mulato nos remete bem poderia ser a utopia libertária que incendiou corações e mentes na primeira metade do século XIX e pretendeu um mundo novo, republicano e federativo, para o Brasil. Misterioso, o personagem não é definido em seus objetivos locais, ele aparece simplesmente.

O herói é a figura que ilumina a narrativa e ajuda a compreender o sistema social. A literatura tem sido tradicionalmente o repositório dos personagens, imaginados e/ou compostos a partir do acontecer real, que oferecem estímulos constantes à luta contra as injustiças sociais, contra o autoritarismo e as perversões de todos os matizes que reforçam a dominação de alguns sobre muitos.

Ele oferece um corpo e uma alma que assumem a identidade não só do sistema sociocultural, o que certamente atende aos fins propostos pelo autor, mas ele encarna também os elementos contraditórios do próprio autor, suas dúvidas e hesitações políticas, e oferece a possibilidade de reconstruir lutas fracassadas no plano do real, mas plenas de possibilidades futuras.

O herói é voz da utopia. Ele aquece os sonhos de liberdade e poder e na maioria das vezes a trama o conduz ao sacrifício de sua vida, recurso simbólico precioso a justificar com o seu sofrimento a superação da crise sacrificial ou das diferenças como define Girard, para uma nova ordem social e econômica, um novo sistema de ordem cultural em sentido amplo. Ao contribuir para superar o caos, sua ação propiciará que novos sistemas organizados de diferenças ofereçam suporte ao processo de construção de identidades, restaurando as relações entre os indivíduos e as posições sociais, restabelecendo o reconhecimento de uns pelos outros.

Seria Paulo da Rocha um fugitivo da repressão aos rebeldes pernambucanos? Talvez. Mas a sua construção imaginária pelo autor obedece a lógica para os heróis libertadores: coragem, audácia, honra, generosidade e sólidos princípios morais. Anunciando os novos tempos da nação, ele é mulato, e portador das qualidades que se

enfraquecem naqueles que exercem o poder, especialmente pela capacidade de reação e liderança em situações excepcionais.

As elites no Brasil ao final do século XIX, quando o conto foi publicado, precisavam reconhecer os novos atores sociais que entravam em cena com os movimentos sociais, onde se destacam o abolicionista e o republicano, inclusive restabelecendo qualidades pessoais que haviam sido negadas ou menosprezadas nesses atores, com o claro objetivo de justificar a escravidão, o domínio total do *outro*. Entretanto, não se absolve a desordem provocada pelos cabanos, estes continuam sendo objeto de repulsa e condenação pela violência extremada de seus atos, embora secularmente tenham sido vítimas, e não os únicos a cometerem atrocidades, como se reconhece nas linhas dos contos de Inglês de Sousa.

A sua explosão de ódio não pode ser nem justificada muito menos perdoada, era um risco muito grande reconhecer tal potencial transformador nas massas. Daí o silêncio que pairou por mais de um século sobre a revolução cabana. Desenvolveu-se entre nós uma compreensão limitada do que é a cidadania, muito diferente da proposta cujo significado está estreitamente ligado à condição social do sujeito político, do indivíduo que se reconhece como protagonista histórico ativo das transformações estruturais da sociedade na qual convive.

Só muito lentamente o Brasil foi incorporando novos atores sociais à cena política, em especial aqueles oriundos das classes desfavorecidas, facilitando o acesso ao pleno exercício da democracia, como sujeitos que podem reivindicar direitos e falarem em seu próprio nome, tendo em vista defender seus interesses individuais e coletivos. Isso só foi possível quase um século depois de proclamada a República e com a superação de momentos em que a liberdade esteve aprisionada pelos regimes de exceção.

Referências

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano Souza Fernandes. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CASTORIADIS, Castoriadis. *As encruzilhadas do labirinto II. Os domínios do homem*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As Encruzilhadas do labirinto III. O mundo fragmentado*. Tradução de Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

_____. *A criação histórica*. Tradução de Denis L. Rosenfield. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992b.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República. Momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Tradução de Teresa Cristina Carreteiro; Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GAY, Peter. *Represálias selvagens. Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: UNESP, 1990.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

PESSOA, Fernando. *O Livro do desassossego. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RAIOL, Domingos Antônio. *Motins políticos. Ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém: UFPA, 1970.

RODRIGUES, Denise Simões. *Revolução Cabana e construção da identidade regional*. Belém: EDUEPA, 2009.

SOUSA, Herculano Marcus Inglês de. *Contos amazônicos*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

* Artigo recebido em 29/10/2012 e aprovado em 10/10/2013.

** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora adjunta efetiva na Universidade do Estado do Pará. Tem ampla experiência na área de ensino de graduação e pós-graduação, ministrando disciplinas sociológicas e orientando alunos de graduação e pós-graduação. É membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire do CCSE/UEPA, e lidera o grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia do CCSE/UEPA, onde se articulam vários projetos de pesquisa e extensão.